

Deponentes: Délio de Oliveira Fantini

Entrevistadores: José Alexandre Sales e Emely Salazar

Data do depoimento: 31 de agosto de 2015

JOSÉ ALEXANDRE SALES: Esse depoimento de Délio Fantini está sendo realizado aqui no auditório da FUMEC para Emely Vieira Salazar membro da Covemg e José Alexandre Sales, assessor da Covemg. Dia 31 de agosto de 2015, iniciou-se às 14h25min.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Boa tarde. Meu nome é Délio de Oliveira Fantini, nascido em Sabará, 16 de dezembro de 1950. Nós vamos procurar mostrar a questão das torturas que eu fui submetido [sic], o principal, a gente vem, vinha né, do movimento estudantil e partimos para um processo de luta armada. Nós, quer dizer, apesar de não termos um processo preparatório do ponto de vista teórico, do ponto de vista, de lida com armamentos [sic], nós já fomos direto para um processo de expropriação. O que ocorreu foi que... é... a polícia já estava mobilizada em função da prisão de um pessoal da COLINA, o Comando de Libertação Nacional, nós fazíamos parte da organização Corrente, Corrente Revolucionária e nós partimos para uma ação de expropriação de um banco na localidade de Ibitaré, Minas Gerais. É... nós fomos com pessoal inadequado, carro inadequado, sem um processo de conhecimento, de preparação. É mais ou menos à galega, né. Nessa ação nós fomos, expropriamos uma agência de um banco que virou depois uma loteria [sic], loterias às avessas né, e agente com o carro, um fusca em uma estrada difícil, uma estrada toda tortuosa, nós empreendemos a fuga. Carro com cinco pessoas, pesado, fusquinha e logo depois da ação nós fomos seguidos por um caminhão que estava levando policial. Ocorreu durante a ação em que, quando a gente viu que estava sendo seguido [sic], o colega, companheiro Antônio José de Oliveira, ele estava sentado no banco de trás e ele engatilhou a arma para disparar contra o caminhão. Estava sentado no banco da frente e a pessoa que estava dirigindo a ação baixou a mão desse companheiro. Nesse meio termo a arma disparou e atingiu a perna, nesta confusão o caminhão veio, abalroou o carro e nós começamos a tentar fugir com esse companheiro ferido. Como ele não tava conseguindo movimentar direito, ele tava ficando para trás e eu procurei tentar ver se ele vinha [sic], continuava a tentativa. Os outros participantes da ação foram na frente

e eu fiquei com Antônio até que ele decidiu que ele iria se matar. Ele deu dois tiros da pistola 45 no peito e não acertou o coração, nesse meio tempo, eu tava, eu tava tentando empreender a fuga carregando a sacola do dinheiro e nisso já vinha esse pessoal atrás de mim [sic], eu segui por um caminho no qual chegou em um ponto no qual eu não estava dando conta [sic], eu joguei essa sacola, despachei a sacola e continuei tentando empreender a fuga. Cheguei num aglomerado onde havia umas casas e aí eu fui cercado e fui preso [sic]. Me levaram para uma Delegacia lá no Barreiro e o pessoal da Polícia Civil, da Polícia Política já tava mobilizado [sic], que eles tavam atentos em função de seis dias antes ter ocorrido a queda de um pessoal da Colina lá no São Geraldo (bairro de BH) [sic]. Eu fui levado para essa Delegacia e lá mesmo eu comecei a ser espancado, entraram uns oito ou dez policiais na cela e começaram a me espancar, a chutar, e eu lembro só depois, na hora que eu cheguei ao DOPS que veio um profissional de saúde verificar se eu tava em condições de ser torturado [sic]. Observou os reflexos e falou que eu tava liberado [sic]. Esse profissional eu não sei identificar qual que é, eu sei que, começaram as sessões de choque, choque elétrico, queimaduras por cigarro, pancadas e fui colocado no pau de arara, no pau de arara e sendo espancado com aqueles cassetetes família, o policial me parece que é Escoralic, ele se posicionou a minha direita e batendo com aquele cassetete família e dando choques, choques elétricos, chutes, pancadas e, vamos dizer, que eu identifiquei as pessoas é como o Tacir Menezes Cia que ficava me chutando na área do fígado, que ficava me queimando com cigarro, o Frederico que também lembro né, tinha as atividades burocráticas que o delegado não participou diretamente da tortura, o Luis Soares da Rocha, nem o Delegado Davi Hazan, eles não participaram diretamente, quer dizer, eu tive o corpo todo ele queimado por choques, por cigarros que depois lá no pronto-socorro nem minha mãe foi capaz de me reconhecer. Eu tive uma lesão no crânio, um afundamento temporoparietal, tive uma fratura da pirâmide do nariz do lado direito, esses espancamentos no pé determinaram fraturas em vários ossos do metatarso, do tarso e tive arrancado nessas, nesses espancamentos os dentes da frente, tive uma fratura que fragmentou o osso Rádio que foi necessário uma cirurgia para colocação de uma haste. Eu nesse meio tempo, o tempo que fiquei lá eu não sei, eu sei que eu fui jogado em uma cela onde tinha uns outros presos não políticos que me prestaram assistência e esse afundamento do crânio ele começou a sangrar muito e houve [sic], é foi levado um médico do pronto-socorro que no período eles ainda conseguiam é determinar a

necessidade de uma assistência em outro local. Aí eu fui para o pronto-socorro Amélia Lins e lá foi constatada essa questão do afundamento, a questão dessa fratura em vários fragmentos né, do osso Rádio direito, várias fraturas no pé, no pé esquerdo, todo o corpo, o corpo todo queimado e eu, quer dizer, não sei se foi sorte ou azar né esse chute na cabeça que a partir daí houve a necessidade de ser deslocado para o pronto-socorro, as outras coisas que a gente vivenciou são de menor relevância, a gente praticamente não conta, na época eu fui o preso mais novo que teve aqui em Minas Gerais, eu tinha feito 18 anos e teve esses fatores, certo.

EMELY SALAZAR: No seu relato, quando você fala que foi preso lá em Contagem né?

JOSÉ ALEXANDRE SALES: Ibirité.

DÉLIO DE OLIVEIRA: É Barreiro.

EMELY SALAZAR: Ibirité. Que você começou a militância, você podia precisar as datas, movimento Estudantil, quando que foi isso? Quando que você começou a militar na luta armada?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Eu fazia parte do Centro Estudantil Técnico Industrial na era na época Escola Técnica Federal de Minas Gerais, que depois foi transformado em CEFET. A gente participava do movimento estudantil e com aquela disposição de fazer alguma coisa a mais, a gente foi incluído nesse escalão né, do movimento.

EMELY SALAZAR: Uhum, mas em que ano que isto ocorreu você se lembra?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Sim, a gente começou a 67, 68.

EMELY SALAZAR: Sim.

DÉLIO DE OLIVEIRA: E a ação foi em é início de 69.

JOSÉ ALEXANDRE SALES: (Trecho incompreensível).

DÉLIO DE OLIVEIRA: Certo.

EMELY SALAZAR: Você disse que tentou fugir carregando um companheiro ferido.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Sim.

EMELY SALAZAR: Até que você jogou o malote no mato, continuou e foi preso.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Sim.

EMELY SALAZAR: E esse companheiro seu? O que aconteceu com ele? Ele foi preso também?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Foi preso.

EMELY SALAZAR: Ele ficou no mato?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Ele deu esses dois, ele tava com esse tiro na perna [sic].

EMELY SALAZAR: Na perna.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Em função de uma tentativa de obstar o movimento dele.

EMELY SALAZAR: Sei.

DÉLIO DE OLIVEIRA: É atingiu a perna e eu fiquei para trás com ele tentando que ele continuasse tentando empreender a fuga, na hora que ele decidiu que não tinha mais jeito, eu não vi o momento em que ele disparou contra o próprio peito, é muito pesado né, aí depois agente volta encontrar com ele lá no pronto-socorro.

EMELY SALAZAR: Ah então ele provavelmente foi preso também no mesmo dia né.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Foi preso, foi preso lá. Então...

EMELY SALAZAR: Você se lembra, você poderia dar o nome desses companheiros da ação?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Sim. Era quem tava liderando era Marco Antônio Victoria Barros, o tava o Nelson [sic], Nelson José de Almeida que veio a ser morto no período em que foi preso, ele foi preso lá nas proximidades, na fazenda próximo a Curvelo.

EMELY SALAZAR: Foi preso, foi morto pela ditadura? Pela repressão?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Foi morto pela repressão.

EMELY SALAZAR: Sim.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Um tiro que segundo informação, pegou o coração.

EMELY SALAZAR: Uhum.

DÉLIO DE OLIVEIRA: E teve a pessoa que estava dirigindo, foi o Arnaldo Fortes.

EMELY SALAZAR: Hum, ah, Arnaldo Fortes.

JOSÉ ALEXANDRE SALES: É sua formação, você é médico né? Pela UFMG?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Sim. Eu fui preso, fui julgado, saí final de 72, voltei, fui com 15 dias mais ou menos para estudar para voltar ao curso técnico. Eu passei né estudando em casa, no meio do ano seguinte eu fiz o supletivo, estudando em casa, fiz o supletivo e saí já tava no segundo ano do curso técnico de eletrônica [sic], aí eu passei para Medicina e aí vem essa...

EMELY SALAZAR: Eu queria que você falasse os presídios pelos os quais você passou. Você foi preso né, em uma delegacia lá em Contagem.

JOSÉ ALEXANDRE SALES: Barreiro.

EMELY SALAZAR: No Barreiro.

DÉLIO DE OLIVEIRA: No Barreiro.

EMELY SALAZAR: Você foi para o DOPS, quais os locais onde você esteve?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Eu fui para o DOPS onde que ocorreu o grosso das torturas, do DOPS eu fui para o pronto-socorro que era ali no Amélia Lins.

EMELY SALAZAR: Uhum.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Lá eu saí para ser operado no Hospital da Cruz Vermelha, voltei, para o Amélia Lins e do Amélia Lins nós fomos transferidos para...é... Colônia Penal de Neves onde nós tivemos ameaças de tortura, ameaça pelo Capitão Portela, quer dizer, lá nessa Colônia Penal nós tivemos o dissabor de ver o que era o dirigente máximo da organização Corrente, ele com a cara mais lavada do mundo.

EMELY SALAZAR: (Trecho incompreensível).

DÉLIO DE OLIVEIRA: É falando que devia falar tudo o que sabia, pois eles já sabiam e a gente tem uma convicção que ele era uma infiltração policial.

EMELY SALAZAR: E hoje ele é médico, colega seu, não é?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Sim, infelizmente é acho que mora em São Paulo e ele foi..., saiu no sequestro do embaixador americano contando a maior proza do mundo, posando de herói. Que, quer dizer, ele saía com a polícia indo atrás de militantes, atrás de simpatizantes, levando com a maior vontade. E depois tava em Cuba como se fosse um herói da resistência brasileira, isso como vários outros né [sic].

EMELY SALAZAR: Uhum.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Que não tomaram um tapa e entregaram até a alma.

JOSÉ ALEXANDRE SALES: Você se recorda, porque nas cartas de Linhares faz é alusão à delegacia do Barreiro.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Sim.

JOSÉ ALEXANDRE SALES: É o único nos processos que eu tive acesso, é o único indicação da delegacia do Barreiro, só você que esteve na delegacia do Barreiro ou outras pessoas?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Não, eu tive que eu fui preso lá perto e fui levado para lá.

JOSÉ ALEXANDRE SALES: Ahn.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Aí chegou essa equipe né da Polícia Civil do DOPS que já tavam mobilizados [sic], eles chegaram rapidamente.

EMELY SALAZAR: E de lá da Penal você foi para outro lugar?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Da penal, é colônia, que parece, é Magalhães Pinto nós fomos levados para o 10º Batalhão em Juiz Fora, onde houve ameaça né do Subcomandante é Ralf, acho que Ralf Braun, parece.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Minha nossa!

DÉLIO DE OLIVEIRA: Que entrou querendo saber, isso foi no período do sequestro do embaixador americano, querendo saber qual o último desejo, se queria comer pizza, se queria frango assado, mas ficou só na ameaça. Aí de lá do 10º Batalhão a gente foi transferido para Penitenciária de Linhares. Quando lá foi transformado num presídio político [sic], quer dizer as dificuldades, de Linhares são, vamos dizer, pequenas, frente á tudo isso que a gente vivenciou, a impossibilidade de leituras, que anúncio classificado era disputado.

EMELY SALAZAR: Para ler.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Para ser lido. As punições né, que não podia sair da cela, transferência de alas, mas isso, quer dizer, frente ao problema vivenciado foi o de menos.

EMELY SALAZAR: Você se lembra de mais alguma coisa que você queira acrescentar?

DÉLIO DE OLIVEIRA: Não, eu lembro o que o Wander Piroli, escritor, ele era conhecido do Tacir, Tacir Menezes, do delegado, e falou o Tacir, teria dito para ele que admirava, me admirava pela resistência. Então, quer dizer.

EMELY SALAZAR: Quem resiste muito, apanha mais né.

DÉLIO DE OLIVEIRA: É quem resiste tem os traumas de percurso né.

EMELY SALAZAR: Aham. Muito obrigado Délio de Oliveira.

DÉLIO DE OLIVEIRA: De nada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós ouvimos o depoimento do Doutor Délio de Oliveira Fantini que muito gentilmente aceitou o convite da Comissão Mineira da Verdade. O objetivo da Comissão é resgatar a memória do Brasil no período da ditadura e o Délio foi um desses heróis, um resistente, que acreditava na derrubada da ditadura e se entregou a essa luta. É mais um sobrevivente. Muito obrigada.

DÉLIO DE OLIVEIRA: Nada.